

Título: *Efervecência e decadência de atividades agrícolas : a questão ambiental como causa da decadência e como saída para a retomada do desenvolvimento.*

Autora: Izabel Mendonça Faria

Instituição: Professora da Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas do Sul de Minas – FACESM. Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Carlos - UFSCar

Com a dissertação *Vozes e Imagens do Rio São Francisco: um estudo sobre populações tradicionais e problemas ambientais.*

Resumo

Elabora-se uma discussão que aborda a perspectiva de produtores rurais sobre a vivência de um período de efervecência na atividade agrícola e sua posterior decadência tendo como base o caso de dois Municípios Sul Mineiros: Delfim Moreira, grande fruticultor até a década de 70 e integrante da APA da Serra da Mantiqueira, e Maria da Fé, grande produtor de batatas até a década de 90. Na narrativa e na discussão que se constroí nesse artigo destaca-se a ligação de fatores que caracterizam a degradação ambiental como importante chave para o entendimento da decadência das atividades agrícolas principais dos municípios estudados.

Utiliza-se do estudo da memória enquanto fenômeno social para perceber a reconstrução do passado correspondente ao ápice da atividade agrícola e a ligação de tal reconstrução com a imagem que se faz do presente. Em tal imagem do presente percebe-se o realce de valores ambientais associados à idéia de que a chance de se retomar o desenvolvimento vincula-se necessariamente ao estabelecimento da atividade turística.

Trabalha-se enfim com as representações que os produtores rurais constróem a partir da rememoração do passado de efervecência produtiva, econômica e cultural, e tenta-se expor o quadro de perspectivas que os mesmos traçam para o presente e a relação de todas essas representações com a questão ambiental.

Introdução

Para entender, neste artigo, o conjunto de representações sociais de produtores agrícolas que estão inseridos em dois processos históricos diferenciados: o da decadência da fruticultura no Município de Delfim Moreira, e o de ascensão e decadência da monocultura de batata no município de Maria da Fé; parte-se da necessidade de captar o campo de forças no qual estão inseridas essas mesmas representações que dizem respeito à dimensão rural e à atividade agrícola. As representações sociais são estudadas como respostas a esse campo de forças.

1- A questão ambiental: um campo de forças

Nas Ciências Sociais o problema ambiental aparece a partir das discussões sobre a eminência da crise ambiental no mundo contemporâneo (GUIDDENS, A. 1991) e discussões sobre a gestação de um dilema (THOMAS, K. 1988, FERRY, L. 1994) que opõe as demandas da vida moderna à preservação ambiental (KURZ, R. 2000, DIEGUES, A. C. 1998, LEONEL, M. 1998). Há também discussões sobre a situação geopolítica contemporânea que teria criado dois blocos econômicos e sociais com inferências

diferenciadas no que tange às possibilidades e interesses em se realizar a preservação ambiental: o bloco do Norte desenvolvido e do Sul subdesenvolvido (GUIMARÃES, R. P. 1998).

No panorama multidimensional que envolve essas três diferentes discussões distingue-se a questão da relação entre modernidade e os problemas ambientais (1), a questão das possibilidades abertas no mundo contemporâneo para a criação de uma sociedade sustentável (2) e a questão das relações das diferenças sociais e culturais existentes – dentro das nações e entre elas, com o aparecimento e agravamento da ocorrência de problemas ambientais (3). Esse panorama multidimensional impõe a todas as dimensões da vida social, seja à urbana ou à rural a necessidade de reorganizações e rearranjos. As representações sociais aqui estudadas organizam-se como respostas à essa imposição desse campo de forças.

(1) A questão da relação entre modernidade e problemas ambientais envolve a oposição entre a técnica universalizada da modernidade (SANTOS, M. 1999) e o equilíbrio ambiental. Nos trabalhos da Escola de Frankfurt se constrói toda a crítica à *supremacia da técnica* que restringe as possibilidades de emancipação humana, pela racionalização extrema das relações entre os homens e dos homens com a natureza – que promoveria a ação irreflexiva dos homens dentro das estruturas sociais (MARCUSE, H. 1967), e pela redução das possibilidades comunicativas da humanidade (BENJAMIN, W. 1994).

Milton Santos (1999) mostra essa oposição entre *supremacia da técnica* – racionalização das relações entre os homens e dos homens com a natureza, e equilíbrio ambiental por meio do entendimento de que, embora a técnica tenha em todos os tempos da história da humanidade, tido a tendência a se universalizar, na modernidade, ela, efetivamente, se universaliza, reduzindo a possibilidade de convivência entre múltiplos padrões tecnológicos. Para esse autor, a técnica universalizada na *modernidade*, por estar a serviço da ampliação do capital, não possui racionalidade e reflexividade suficiente para englobar o cuidado com o meio ambiente. Em outras palavras, as técnicas universalizadas *de fato* na modernidade, estariam associadas à rapidez e à ampliação das taxas de lucro e não à uma ampliação da equidade social o que não promove um equilíbrio ambiental (SANTOS, M. 1996)

Pensando na lógica intrínseca à tecnologia universalizada na *modernidade* pela expansão capitalista Robert Kurz (2000) discute a existência de um conteúdo ou preocupação com o desgaste da natureza na perspectiva teórica ligada aos trabalhos de Karl Marx. Kurz (2000) mostra que Marx, embora tenha colocado que o processo capitalista ou o processo modernizador seria promotor de um desgaste ambiental, acaba por inspirar uma excessiva crença nas possibilidades da tecnologia superar tanto a diferença social – passagem do reino da *Necessidade* para o reino da *Liberdade*, e, pode estar inspirando, contemporaneamente, uma excessiva crença de que, na esfera das soluções técnicas, se enfrentaria, com garantida eficácia, os problemas ambientais. Depois de mostrar que este ponto está em aberto na obra de Marx, Kurz observa que a discussão sobre os problemas ambientais deve partir de considerações sobre a

profundidade cultural de uma lógica capitalista que engendra tanto a desigualdade social quanto a degradação ambiental e não é capaz de enfrentar seus efeitos justamente por ter sido criada e continuar acreditando excessivamente no poder da tecnologia e da razão científica a ela associada (SANTOS, M. 1999) em resolver problemas práticos.

Os argumentos de Kurz apontam para a necessidade de ampliar as discussões teóricas sobre a relação da modernidade com o problema ambiental. Em vários trabalhos aparece a preocupação com essas necessidades de ampliação da discussão, seja pela via da discussão sobre a existência de uma sociedade de risco na pós modernidade (GUIVANT, J. S. 2001), seja pela via do entendimento de que a modernidade instaurou uma cultura essencialmente antropocêntrica (Leis, H. 1999).

Segundo Lima (1999), Hector Ricardo Leis reconhece a importância dos trabalhos de Marx e dos Frankfurtianos, mas associa ao pensamento do primeiro à sugestão de uma noção de liberdade que seria antropocêntrica e ao pensamento dos segundos uma noção de emancipação também antropocêntrica – que não considera a necessidade de emancipação dos seres não humanos. Para esse autor, Leis atribui uma limitação a esses pensadores no que se refere à abordagem da crise ambiental e se utiliza de pensadores vinculados a outras tradições como Hans Jonas, Michel Serres, Louis Dumont e Nietzsche.

Neste trabalho reconhece-se a necessidade de incorporar a discussão sobre o conteúdo antropocêntrico das relações Homem e Natureza gestado na modernidade e ser capaz de enxergar quais as reações dos grupos estudados frente a essa questão¹.

(2) A questão da sustentabilidade envolve a reflexão sobre qualidade de vida e padrões de desenvolvimento, sobre a inclusão social (MUELLER, C 1997) sobre as possibilidades de gestão sustentável nos âmbitos públicos e privado (FERREIRA, L. C. 1997), sobre as possibilidades de democratização e abertura cultural dentro da sociedade capitalista englobante (FOLADORI, G. 2000) e, ainda, sobre a dimensão das soluções tecnológica e sua relação e comprometimento com a inclusão social e a qualidade de vida (VIEIRA, P. F. e WEBER, J. 1996)². Neste trabalho, acrescenta-se a tudo isso, a idéia de que, em espaços *rurais* dos países subdesenvolvidos, fundamentalmente, deve-se pensar na relação sustentabilidade com o fato de não ter havido processos de inclusão social para populações locais e tradicionais (MOREIRA, R. J 2000). Como a sociedade englobante não enxerga as populações tradicionais e locais como *produtoras* não as consegue ver também como cidadãs (DIEGUES, A C. 1995). Tais populações são vistas como praticantes de atividades de *subsistências*, o que dificulta o desenvolvimento de seu papel preservacionista tão importante para elaboração da sustentabilidade.

¹ Essa incorporação poderá ocorrer, principalmente, quando da análise das relações campo e cidade, e da análise da possível importação de um estilo de vida urbano pelo rural.

(3) Celso Furtado (1998) contribui originalmente para o esclarecimento sobre as relações entre a questão das desigualdades sociais- dentro das nações e entre elas, e a questão das crises ambientais, mostrando que essas duas questões se potencializam mutuamente. Esse autor, reconhece, com base em uma discussão sobre o aparecimento das discussões políticas e intelectuais sobre o problema do desgaste ambiental e com base nas inferências da teoria econômica, que há dois tipos de pressão sobre os recursos naturais, um deles seria o aumento populacional e o outro seria a ampliação dos padrões *modernos* de consumo dos países cêntricos. Esse reconhecimento levou o mesmo autor a afirmar que o primeiro tipo de pressão pode ser auto-ajustável e o segundo deve ser questionado com base na discussão de como esses padrões de consumo estão efetivamente se ampliando. Em síntese, para Furtado (1998), é necessário entender se a ampliação dos padrões de consumo estaria se dando de forma a aumentar o número de pessoas que tem acesso aos mesmos ou, de forma a incrementar a própria diversificação ou sofisticar esses mesmos padrões *modernos* de consumo. O autor conclui que há a tendência de se ampliar muito mais a diversidade e sofisticação do consumo do que a porcentagem de pessoas que tem acesso a esses padrões. Essa tendência relaciona-se com os interesses de grandes corporações multinacionais e transnacionais que pressionam o desgaste ambiental no Sul e a continuidade do mesmo no Norte. Finalmente, o autor pontua que, como não há a tendência à ampliação do número de pessoas que terá acesso aos padrões *modernos* de consumo, tende-se ao aumento das desigualdades sociais caracterizados, contemporaneamente, pela redução das possibilidades de acesso aos recursos naturais.

A explicitação dessas questões (1) e (2) aponta para o fato de que o *campo de forças* do qual se fala diz respeito à *supremacia da técnica* ou à impossibilidade de posicionamento de grupos sociais como o de produtores rurais- há a idéia de desconhecimento e impossibilidade de deixar de aderir à revolução verde nas representações estudadas. Mas em (1) e (2) também observa-se uma reação, ainda que no plano de representações recentes ao antropocentrismo vigente – há um consenso em torno da idéia de que as *saídas* passam pelo conhecimento ou reconhecimento dos valores do meio ambiente. A questão (3) aponta para o fato de que o *campo de forças* também deve ser entendido a partir das pressões advindas das condições de posições periféricas.

2- Como se expressa essa campo de forças na esfera ou dimensão rural

² Essa questão permeia as discussões desse trabalho pelo fato de haver a necessidade de se tratar da sustentabilidade como algo que está ou não no interior dos grupos estudados e em suas trajetórias. Também é necessário discutir muitos desses aspectos da sustentabilidade para formular melhor a inter-relação entre o conteúdo urbano e as áreas de proteção ambiental.

O diálogo das representações sociais estudadas com esse *campo de forças* dá sinais de sua existência tanto pelas dificuldades de se definir a *nova ruralidade* quanto pela existência de críticas veementes à modernização agrícola ou à revolução verde.

Sinteticamente, tal diálogo expresso por essas duas facetas liga-se à emergência das questões ambientais que provocam necessidades de reorganização não somente da dimensão rural, mas também da dimensão urbana. Assim, identificam-se dois movimentos a guiar esses esforços de reorganização que seriam: a revalorização da dimensão rural e a existência de críticas e posicionamentos dirigidos à produção convencional ou à chamada modernização da agricultura ou ainda à revolução verde.

1
A reorganização que se delinea em torno do primeiro movimento expressa-se por uma possibilidade de resposta ao esvaziamento da dimensão rural por meio da valorização de características e potencialidades atribuídas especificamente à essa dimensão- a maior preservação de recursos naturais por exemplo e a existência de uma cultura tradicional que evidencia um outro tipo de relação homem-natureza.

Nesse primeiro movimento observa-se que, se houve o esvaziamento da dimensão rural, tanto pelo fato de que o latifúndio, sendo detentor 50% de toda área dos imóveis rurais do país, ter inibido ou impedido a permanência de grupos sociais que pelas relações de parentesco e os laços de amizade e vizinhança imprimiam ao espaço rural qualidades singulares diferenciada da marca deixada pelo mesmo por meio de uma agricultura predadora e de um despovoamento; quanto pela a sazonalidade e a precariedade das possibilidades de investimento do pequeno produtor (Wanderley 2000) que desarticulam modos de vida pautados no entendimento do meio ambiente como meio de vida e não como receptáculo de recursos para a vida (Faria, I. M 2002, Cândido, A. 1987), pode estar havendo também uma revalorização da dimensão rural que diz respeito a todas esses seus aspectos desarticulados ou perdidos³: a especificidade das relações homem e natureza e a especificidades das concepções culturais.

2
O segundo movimento expressa-se pela existência de duas vertentes críticas à revolução verde que seriam: a que defende uma nova relação entre ser humano e natureza evidenciando uma dimensão técnico-existencial e aquela que não consegue propor de sustentabilidade sem tocar na questão social (MOREIRA,

³ Embora tal esvaziamento seja um fato é possível supor que a singularidade cultural e identitária ligada ao espaço rural possa se recriar pela relação de populações rurais com os pequenos municípios ou pela estimativa de que os mesmos pequenos municípios seriam parte integrante do espaço rural (Brandão, 1995 apud Wanderley 2000b). Ressalta-se ainda o fato de poder-se afirmar que grande parte do território brasileiro ganha significado e singularidade a partir dessas relações de parentesco e amizadas que interligam o que formalmente se considera como espaço rural ao que se define como urbano (Godoy, 1999 apud Wanderley, 2000b). Enfim, também é fato que, embora apenas 21,6% da população total do país seja contabilizada como população rural, há a possibilidade de supor que o significado da cultura ligada ao espaço rural seja mais expressivo quando se observa a mesma se recria em torno dos municípios com menos de 20.000 habitantes correspondentes a 72,6% dos municípios brasileiros (Wanderley, 2000b).

2000). Tal movimento impõem a necessidade de reorganização de varios grupos e setores sociais ligados à dimensão rural e principalmente à dimensão agrícola.

Moreira(2000) acredita que as pressões no sentido de reorganização da dimensão rural não provocam efetivas mudanças no cenário brasileiro. Quando se trata das críticas ligadas à vertente técnica se observa que ela não é capaz de reorganizar as estruturas da propriedade da terra que estão na origem da exclusão social potencializada nas décadas de 60, 70 e 80 pela revolução verde (MOREIRA, 2000). Quando se toma a critica ambiental que incorpora a questão social esbarra-se na determinação da esfera econômica que faz com que alternativas ligadas à valorização da agricultura familiar associada à idéia da agricultura alternativa tenham poucas possibilidades de sobreviver no mercado globalizado.

Neste artigo acredita-se que é preciso averiguar os limites desse segundo movimento provocador de reorganizações na dimensão rural já que é inegavel a reação dos pequenos agricultores que perderam o “primeiro bonde da modernização” e almejam, associados a ONGs inserir-se no mercado mundial a partir da segunda reorganização produtiva (BRANDENBURG, 1999) que se faz a partir da preemencia das questões ambientais .

Nos dois casos analisados aqui pensa-se em como se organiza a identidade de pequenos, médios e grandes agricultores e sujeitos ligados à dimensão rural, que foram “atropelados” pelo bonde da modernização circunscrito em uma órbita global. No primeiro caso os ditames dos consumidores ou dos interesses industriais tiveram impacto destrutivo sobre a fruticultura. No segundo caso sofreu-se com o aumento dos custos da produção mecanizada e do credito rural.

3. O Campo de Forças e as Representações Sociais

Parte-se do pressuposto de que conhecer uma realidade social processual é uma aventura guiada pelo pensamento que produz bricolagens originais (MORIN 1996) capazes de perceber o *uno*, o concreto, o real, ou ainda aquilo que está objetivado, no *múltiplo* que seriam as múltiplas visões sobre o real ou as múltiplas representações sociais. Mas, para conhecer de fato a partir de uma perspectiva da complexidade de tal realidade social processual, faz-se necessário captar também o efeito das múltiplas visões e representações sociais sobre o *uno* ou a totalidade. Trabalhando com essa perspectiva deve-se observar que o pensamento do pesquisador encontra o *uno* ou o problema que quer estudar já construído e objetivado na realidade, mas sua tarefa é entender também a construção social desse mesmo objeto (BOURDIEU, 1998). É preciso enfim, compreender a existência de diversas representações sociais imersas ou objetivadas na realidade social a partir do campo de forças que a construiu (BOURDIEU, 1998)

Para Marx esse campo de forças é definido pelas condições materiais que dividem a “população” em classes complementares e opostas(1969). Para Bourdieu essa campo seria o espaço de atuação de forças

sociais que se organizam a partir de situações específicas que trazem em si capitais culturais e econômicos diversos(1998). Nas duas definições aquilo que é socialmente construído (o campo de forças) apresenta-se como *uno* e portanto como imediatamente inteligível, mas é resultado do *múltiplo* ou das múltiplas representações sociais que se objetivaram.

Aqui concebe-se que a realidade social é mais ampla do que o *campo de forças* explicitado porque implica também num conjunto de representações sobre o que esta objetivado. Assim o social é objetivo – campo de forças; mas é também subjetivos- representações que relacionam-se com este campo de forças.

A possibilidade de entender a realidade social como objetiva e subjetiva torna-se possível a partir do alerta sobre o risco de se confundir representações sociais abrangentes ou objetivadas com a explicação da realidade e a partir da necessidade de se observar as relações das representações sociais particulares- não objetivadas, com as abrangentes. Essa possibilidade é construída dentro da sociologia por meio de uma intuição presente em Durkheim que foi reformulada por Maus (MINAYO, 1994).

Com essas considerações fica claro que o campo de forças mencionado diz respeito às representações sociais que se objetivaram – sistemas simbólicos (BERGER e LUKMANN, 1973); e que as representações sociais que almeja-se abordar são representações particulares que dialogam com este campo de forças questionando-o, reafirmando-o ou reformulando-o.

Nessa pesquisa os depoimentos ou relatos orais constituem representações sobre o campo de forças mencionado porque pelo estudo da memória é possível perceber:

- a) as relações entre a subjetividade de grupos sociais e tudo aquilo que está intuído no social.
- b) o grau de percepção dos grupos sobre o espaço social e ambiental.
- c) como as institucionalizações ou objetivações são internalizadas pelos grupos.

O estudo da memória revela o processo de construção dos campos de forças, mas revela também a relação de representações sociais específicas – de grupos, com esse campo.

Em síntese, o recurso metodológico aplicado na pesquisa entende que o estudo sistemático de um conjunto de depoimentos ou relatos orais coletados por meio da técnica da entrevista temática trás a possibilidade de se compreender o diálogo das representações sociais dos produtores agrícolas dos municípios estudados com o campo de forças estabelecido na dimensão rural a partir das questões ambientais.

4-As Representações estudadas

A reação ao campo de forças que envolve a redefinição da dimensão rural e da dimensão agrícola é expressa nas representações sociais de produtores das duas situações históricas e territoriais específicas. Essa reação é percebida, primeiramente, a partir de diferentes concepções dos motivos da decadência das

atividades agrícolas estudadas e, em seguida, pelas diferentes alternativas ou *saídas* encontradas no presente para reaquecer a vida econômica e cultural dos municípios estudados.

4.1. As diferentes representações sobre os motivos da decadência das atividades agrícolas abordadas

Quanto aos motivos da decadência das atividades agrícolas dos dois municípios encontrou-se inicialmente apenas argumentos que apontavam para problemas mercadológicos ou de estratégias mal idealizadas, ou ainda de mudanças nos hábitos dos consumidores em nível nacional. Somente a partir de uma análise mais profunda pode se perceber que a inexistência de considerações e cuidados relacionados com o ambiente contribuíram para potencializar ou erguer esses motivos iniciais da decadência. Assim, nas entrelinhas dos depoimentos e, principalmente, a partir da análise relacional dos motivos da decadência com as possibilidades de saída ou de retomada da antiga efervescência econômica e cultural é que se percebe que a falta de conhecimento sobre os cuidados necessários com o meio ambiente e a impossibilidade de se intervir na sua proteção, como fatores que potencializam as mencionadas decadências.

4.1.1 A desarticulação da fruticultura em Delfim Moreira

O relato histórico (Gimaraes, A. 1997, p.37) mostra que a região do município, encrustada na já legendária serra da Mantiqueira, foi descoberta por bandeirantes em decorrência da procura de ouro. A mineração foi se instalando após a descoberta em 1903 de pequenas quantidades de ouro na cachoeira do Itajyba. Deve-se entender que o nome inicialmente atribuído ao município de Delfim Moreira se desloca do sopé da serra para o vale do Sapucaí pelo abandono e empobrecimento sofrido pelo *Arraial de Nossa Senhora da Soledade de Itajybá*:

A narrativa histórica mostra que das inúmeras tentativas de revalorização do potencial econômico da região após o insucesso da atividade mineiradora a que mais se destaca é a transformação da região em local de intensa produção de frutas no começo do século XX:

Começa, então, a procura por novas fontes econômicas, evidenciando o interesse no plantio de marmeleiros e outras frutas. Segundo informações fidedignas foram os primeiros pés de marmelo, mandados vir de Portugal, pelo Senhor Barão de Bocaina e plantados nas localidades de São Francisco dos Campos e Córrego Alegre. Passados alguns anos, essa cultura tem sua produção difundida, tornando-se a principal fonte econômica do município. (Nascimento, 2000, p.119)

As primeiras fábricas de polpa e de doces de marmelo e outras frutas, como a Colombo, a Peixe, a Cica, e uma fábrica de pequenos proprietários da localidade como a *Fruticultores*, aparecem a partir de 1919. Daí pra frente conta-se os récores de safras frutíferas cuja maior atingiu 13 milhões de quilos de marmelo em 1956 (Nascimento, 2002). O auge da fruticultura coincide com o auge da produção de marmelo, embora outras frutas como Pera, Pêssego, e Ameixa também tenham sido cultivadas em larga

escala principalmente para a venda *in natura*. Há variações sobre o auge dessa produção que em termos gerais aparece desde a década de 20 até a década de 80, alguns depoimentos reforçam as safras de 1956 e 1958 como as melhores safras e outros dizem que no final da década de 60 e começo da de 70 também houveram grandes safras.

Delfim Moreira foi um município que o povo vivia antigamente, vivia só a lavoura, a renda do município era o marmelo, num tinha gado, num tinha plantação de batata, era o marmelo, o feijão, o milho que plantava pra despesa, a maior parte era o marmelo. Tinha fazendeiro marmelista ali que colhia ali sessenta, oitenta, cem mil quilos de marmelo, e tinha em Delfim diversas fábricas. (Seu Alencar, pequeno proprietário e produtor rural, 62 anos)

Em meados do século XIX, início do século XX é introduzido no município o marmelo tá, a cultura do marmelo(...) nós vamos ter o auge dessa cultura na década de 60, 70. O marmelo ele é introduzido aqui pelo Barão da Bocaína, ele introduz o marmelo e logo em seguida começam a aparecer as primeiras fábricas, vem a Cica, antes dela vem a Matarazo, vem a Peixe, estou dizendo pra você das grandes, tá, conhecidas nacionalmente... fora as pequenas fábricas que tinham aqui, só que não se fazia o doce, fazia-se a polpa, fabricava a polpa e essa polpa era levada, no caso da Cica ia pra Jundiá, Matarazzo ia pra São Paulo tá, a Peixe eu não sei qual o local... (Ricardo, envolvido com a produção de marmelo desde a infância, foi bancário e atualmente é professor de história)

Então ai o marmelo vinha da roça assim ou por burro ou por caminhão né. Antigamente quando eu era pequeninho então vinha só por burro, ai depois foi crescendo, crescendo... ai a estrada foi melhorando já começou a vir por caminhão né. Então o marmelo entrava na fábrica (...), ai era descarregado lá, tinha aqueles homens bem forte assim, descarregava aqueles jacá de 100 quilos (...)então aquelas terras boas era tudo marmelá que plantavam, sabe! Então tinha mais de 150 pessoas só pra cuidar da lavoura né. Então dava muito serviço. () Agora você vê, cada fazendeiro que tinha, que era dono do marmelá, cada um pra não ter nada, tinha de 20 operário pra cima, que ali... Então tinha aquela turma pra capinar, pra coroar, depois tinha pra curar, tinha podar (...) (Seu Zinho, 74 anos, trabalhador das fábricas desde os 14 anos)

Vou te contar da pêra. Então a pêra vinha, vinha... esse povo estrangeiro, alemão, como é... italiano, então vinha (...)de São Paulo, vinha de Belo Horizonte, chegava ai e comprava o peral.Porque tinha muita pêra, era marmelo e pêra. Então eles compravam, além da fábrica ainda tinha essa turma (...)eles tinham mais de 15 homens na turma de cada um também né.Agora eu já era de repartição de fábrica, de moer o marmelo. (Seu Zinho, 74 anos, trabalhador das fábricas desde os 14 anos)

Meu avô ia lá buscava famílias inteiras de Cristina para poder trabalhar. E tinha serviço para todo mundo aqui, foi uma época em que tínhamos mais de 11 mil habitantes no município, hoje temos 8 mil, já chegamos a quase 7 mil habitantes, pela falta né. (Zezão, filho dos donos da fábrica Fruticultores e atualmente vereador do Município de Delfim Moreira)

Mas era sabido, então todo mundo trabalhava, você chegava na roça aquelas criancinhas, mulher, criancinhas de 5, 6 anos de idade que dava pra apanhar aquela bainha, tudo trabalhando, mulher, homem, velho, todo mundo. Então o povo aqui não vencia pra trabalhar, vinha de Piquete, vinha de Pedralva, de Maria da Fé, Brasópolis, vinha das cidades vizinhas ai, sabe. (Seu Zinho, 74 anos, trabalhador das fábricas desde os 14 anos)

Nas representações sociais de produtores agrícolas ligados à fruticultura em Delfim Moreira percebe-se que a maioria dos depoimentos atribui às relações da localidade com mudanças no grande mercado e com os dispositivos institucionais e governamentais para a atividade rural os motivos da

decadência. Em nenhum depoimento diz-se que a fruticultura causou dano ao meio ambiente dificultando a atividade agrícola, mas em todos eles a mudança do clima no município é elencada como algo que potencializou o desinteresse do agricultor pela continuidade da fruticultura.

- Aparece como fator externo central para a desarticulação da fruticultura a idéia de que a concorrência com o marmelo do Uruguai e da Argentina teria provocado a diminuição do consumo da marmelada no mercado brasileiro porque o gosto foi modificado. Em decorrência disso decaiu a própria produção do marmelo, que era a principal fruta produzida na região

Foi a massa vinda da Argentina, porque eles começaram a produzir o doce e o doce não teve saída no comércio, porque hoje o que manda é o consumo(...) Em setenta(...) Todas estas fábricas trabalhavam a todo o vapor industrializando o produto e colocando no comércio, tinha grande saída, Rio, São Paulo, pro Brasil inteiro. (...) Com a chegada do marmelo que vinha da Argentina (...) começaram a industrializar o produto argentino, acontece que o marmelo da Argentina, você come ele como se fosse maçã, é doce. E ai eles quiserem fazer a massa do doce, ai o que aconteceu, quando começaram a fazer o doce, saiu a onda que eles estavam fazendo de chuchu. O que é negativo, o chuchu não dá doce, Dai então eles deixaram de comprar o marmelo nosso, desapareceram, certo.(...) Caiu a venda, resultado, não voltaram a comprar mais marmelo nosso aqui e os produtores daqui, com aquela lavoura no campo, foram cortando, cortando a lavoura, porque a mercadoria não entrava mais nas indústrias. Mas ainda encontra um pouquinho, porque as pessoas às vezes compram 2, 3, 4, 5 quilos para fazer o doce em casa. Não dava pra sobreviver... com isso foi acabando. Então a maior parte, acho que 95% cortou a lavoura. (Seu Luís, trabalhou na fábrica da Cica e também teve plantação de marmelos, é dono de uma pizzeria)

Eles compram marmelo da Argentina(...) não tem como produzir mais, marmelo não. (Seu Pascoal, pequeno proprietário, pecuarista e agricultor)

Começaram a fazer o doce com o marmelo do Uruguai aí não vigorou... não tem pequitina ... (Seu Joaquim, produtor de marmelo e um dos donos da fábrica Fruticultores, onde atualmente funciona a Fundação Rogê)

- Mudança nos hábitos dos consumidores em geral que deixaram de consumir a marmelada trocando-a por outros doces:

E um dos motivos que... é... que acho que o marmelo diminui foi ter outras opções de doces mais práticos, as embalagens modernas né, e a marmelada sempre veio assim naquele tabletinho retangular né. Então como não tinha saída eles começaram a cortar os pés de marmelo e a virar pasto, para gado de leite e de corte, era o que dava um lucro certo e dava certeza, dava segurança. (Zezão, filho dos donos da fábrica Fruticultores e atualmente vereador do Município de Delfim Moreira)

Todas elas, ai a Cica fechou em 83, foi a última safra da Cica. Ai, mesmo motivo, ai dispensou nós, mandou nós tudo embora e recolheram os maquinários, porque a Cica é de Jundiá, firmona grande, você sabe disso né. Mas justamente porque não teve mais a saída da marmelada, entendeu? (...) é que a situação foi ficando ruim e o povo foi deixando de comer a marmelada, entendeu, então foi deixando. Então não teve o consumo (...) os donos de fábrica deixou de comprar o marmelo, deixou de comprar... então o que aconteceu, o povo rural foi cortando, aquelas terras boas, aquelas baixadas boas assim, foram cortando e foi fazendo pasto, tirando leite, outros plantando batata... (Seu Zinho, 74 anos, trabalhador das fábricas desde os 14 anos)

A pessoa que tem poder aquisitivo ele prefere a compota. Você já viu um camarada que trabalha comer doce de massa com queijo? Ele vai no restaurante e pede um figo em calda com chantilly, não é isso?

Então acho que não tem um pouco o hábito alimentar, vamos dizer (Seu Roberto, engenheiro agrícola, atualmente é dono do pesqueiro Boa Vista)

- O aumento do preço dos insumos de produção

Desanimaram também do insumo, sulfato, cal, as coisas... ficou muito caro né! (Seu Alencar, pequeno proprietário e produtor rural, 62 anos)

O que eu lembro também é que os industriais, eles sempre vendiam insumos para os produtores cuidarem de seus marmeleiros, e depois na safra descontavam isto. (Zezão, filho dos donos da fábrica Fruticultores e atualmente vereador do Município de Delfim Moreira)

Subiu muito o preço da Bordalesa e da Sufocal ... não deu mais para tratar...ficou difícil (Seu Joaquim, produtor de marmelo e um dos donos da fábrica Fruticultores)

- A regularização dos direitos trabalhistas aparece como algo que desacelerou a produção que era capitaneada principalmente por pequenos proprietários

É, pagar o salário mínimo para os camaradas que tinham né. Direito de casa, essas coisas tudo. Antigamente não tinha isso né. Antigamente o camarada trabalhava ali, você arrumava um camarada para trabalhar tempo da safra, terminava a safra ali ele... se falava pra ele ali, acabou o serviço, agora você vai embora. Se o camarada não prestava, se falava pra ele assim pode pegar sua mudança, pode embora. Agora hoje você não pode falar (...) Ele vai lá procurar os direitos dele. (Seu Alencar, pequeno proprietário e produtor rural, 62 anos)

- Falta de planejamento dos grandes empreendedores principalmente os de fora

A Cica foi fundada em 44, 45. A primeira fábrica que instalou aqui foi a Colombo do Rio de Janeiro, depois vieram as outras, a Mantiqueira, a Matarazzo, a Peixe. Depois fui gerente da Colombo de 85 a 93, aí nós trabalhamos com marmelo, com ervilha, com pêssego, com ameixa, com poupa de maçã(...) Depois que a fábrica ficou toda estruturadinha, fechou. Por que não sei... acho que foi falta de programação deles, porque um ano antes de fechar eles compraram todo o maquinário de ervilha, tudo inox, bem feitinho, depois (Seu Roberto, engenheiro agrícola, atualmente é dono do pesqueiro Boa Vista)

Marmelo ultimamente dava dó de você vê na Cica, o marmelo que tinha uma manchinha podre, a mulher cortava, ficava limpinho, sabe. Aí ultimamente esse povo começou a vir aqui ficalizar ficou inutilizando aquilo e jogando tudo no rio. ... a Cica era bem equipada aí sabe, tinha tratorzinho pra jogar lixo no rio, que antigamente jogava no rio, depois agora não joga mais. (...)Então ficava aquela carretinha puxando, dava dó, jogando marmelo, aquele marmelo que as mulheres sofreram pra aproveitar, limpar tudo, jogando tudo, tudo fora. (Seu Zinho⁴, 74 anos, trabalhador das fábricas desde os 14 anos)

- A falta de planejamento do produtor não aparece em muitos depoimentos como elemento que tenha contribuído para a desarticulação da fruticultura. Quando tal falta de planejamento aparece vem ligada a fatores externos como as mudanças climáticas, à falência das fábricas e ainda à falta de exigência do governo ao emprestar dinheiro ao agricultor.

⁴ *Eu trabalhei na Colombo 24 anos, certo. De criança até depois de casado eu trabalhei na Colombo. Dá a Colombo acabou.(...) Aí a Colombo acabou, isso foi em 67, que a Colombo acabou e quando foi em 70 eu fui pra Cica, aí lá era profissão minha também soldar a boca da lata né. Aí eu fui pra lá e fiquei lá até 83 aí a Cica também fechou.*

Teve um ano que nós apanhamos 96.000 kg de marmelo, puxamos a burro até Delfim, entregamos na fábrica, ela faliu e nós não recebemos nada, até hoje não recebemos nada. Marmelo não existe mais, ninguém mais planta, não dá não. O negócio é criar abelha né? Eu não tenho trator pra plantar batata então.... sem trator não faz nada. O trator faz todo o serviço, agora na mão de empregado o serviço não anda, você não agüenta pagar o empregado. (Seu Pascoal, pequeno proprietário, pecuarista e agricultor)

Então o governo foi culpado nisso, é... ele deixou muito a vontade, agora hoje em dia não, você vai fazer um financiamento rural me parece que você tem que comprovar o uso daquele dinheiro, naquela época não, então você vê produtor com carro, com caminhonete do ano(...) então eles não investiram no que era pra investir e as fábricas por sua vez naquela política de só querer levar vantagem, não é? Explorar e não dar nada em troca, o produtor por sua vez não cuidava, não zelava, achava que tudo era eterno, não é, que nada ia acabar, aquele negócio de tudo é vontade de Deus, nada é vontade do homem né, tem muito disso no meio rural. Foi o fim da cultura do marmelo. (Ricardo, envolvido com a produção de marmelo desde a infância, foi bancário e atualmente é professor de história)

-Clima

O marmelo, não existe mais marmelo já faz muitos anos, acabou né. (...)Não, não tem jeito mais (...) por causa do clima e o que adianta ter marmelo agora, não tem pra quem vender massa, então quem vai plantar? Larga a mão ué. (Seu Pascoal, pequeno proprietário, pecuarista e agricultor)

Na verdade não foi só o marmelo que a cidade produziu, a cidade produziu muito pêssego, a cidade produziu muita ameixa, não é, goiaba, mas a gente não pode só dizer que entrou em declínio a cultura do marmelo quando a de doce aconteceu... não seria o fim da fruticultura pra cá, porque a fruticultura não estava apenas ligada ao marmelo, estava ligada a essas outras culturas que eu te falei. Mas veja bem, o clima também mudou tá, são culturas de clima temperado né, frio, mais pra frio, o clima mudou, as árvores ficaram velhas, não se preocupou em renovar (Ricardo, envolvido com a produção de marmelo desde a infância, foi bancário e atualmente é professor de história)

Delfim Moreira era uma cidade rica e um lugar rico, com muito dinheiro, tinha teatro, cinema, dois bancos, então a medida que a temperatura subiu o marmeleiro não conseguiu conviver com a nova temperatura e dois milhões e meio de pés de marmeleiro desapareceram e acabou a riqueza de Delfim Moreira, essa riqueza desapareceu. (Eduardo, empresário do turismo, cuja esposa é da região)

As frutas dependem do clima. O clima esquentou as frutas não dão mais, ameixa, eu cheguei a colher entre 8 a 10 caixas de ameixa de uma ameixeira, né. E hoje a ameixeira que eu colheia 8, 10 caixas de ameixa não dá 1 a 2 quilos mais. É o mesmo pé de ameixa, não dá mais. Enxerta, eu faço o enxerto este ano quando chega este ano que vem tá tudo deste tamanho quando chegava no outro cresceu mais um pouquinho, quando vê aquilo seca e morre, ele não vai mais pra frente. Antigamente enxertava em fase dois anos começava a produzir e produzia de quebrar os galhos. O marmelo chegava a lascar galho e a estourar os marmeleiros, os pessegueiros, os pessegueiros dava pêssego mas, contava, o povo diz que é mentira, mas é verdade, tem gente que não acredita até né, a pessoa coitada diz que é mentira, isso aí não dá. Aqui dava cada pêssego desse tamanho, se vê que pêssego que da. (...)Nosso clima agora mudou, é ou clima. Aqui antigamente nós não colhíamos banana, se plantasse uma bananeira a geada vinha e matava tudo, um pé de abacate plantava ai ficava desse tamanhinho a geada vinha e cozinhava tudo(...) Agora, hoje não, hoje a produção pra nós aqui é... banana, abacate, conforme eu colho eu tenho de tudo aí. (Seu Alencar, pequeno proprietário e produtor rural, 62 anos)

O clima mudou muito, era frio, muito frio, geava...(Seu Joaquim, produtor de marmelo e um dos donos da fábrica Fruticultores)

-Em nenhum depoimento se fala de desmatamento e como o gado já era tradicional da região as representações apontam para a ideia de que tal atividade já possui limites estabelecidos e que portanto não irá degradar ou desmatar.

Agora você falou do gado, o gado já estava aqui presente, não desmatou (Ricardo, envolvido com a produção de marmelo desde a infância, foi bancário e atualmente é professor de história na fundação Rogê)

4.1.2 A decadência da monocultura de batatas em Maria da Fé

Maria da Fé com altitude média de 1400 m e com temperaturas que chegam a zero grau no inverno (média de 10 a 12 graus no inverno e 18 a 21 graus no verão) voltou-se para a monocultura de batatas – atividade já tradicional na região juntamente com a criação de gado; pelas facilidades de crédito a juros baixos nas décadas de 70 e 80. Tecnicamente, por um lado, a região não é propícia à tal monocultura, já que possui topografia acidentada que limita a mecanização e a irrigação, mas, por outro lado, havia uma concepção estabelecida no interior do município, desde a década de 20 quando as primeiras sementes de batatas foram importadas, de que o clima era favorável à bataticultura pois tal cultura se desenvolveu plenamente na Europa.

A monocultura de batatas gerou enriquecimento rápido de pequenos médios e grandes produtores rurais, mas sua desarticulação deixou muitos produtores endividados

De uma situação financeira muito boa, a maioria da população se viu com elevadas dívidas de financiamentos e passivos trabalhistas. Isso forçou a vender propriedades, contrair outras dívidas para poder saldar as primeiras e, sem condições de continuar nesse empreendimento, paulatinamente, diminuem os plantios e procuram-se outras opções (PEREIRA, 2003, p.143)

É consensual entre técnicos e ambientalistas o fato de a monocultura ter provocado danos ambientais ao solo e à água

(...) desmatamento de região montanhosa, onde foram devastadas áreas de encostas, topos e de nascentes, com o objetivo de aplicação da bataticultura(...) Esses procedimentos, conjugados com intenso uso de fertilizantes e agrotóxicos para as lavouras, e muita irrigação inadequadas, causaram significativa e alarmante diminuição da quantidade e da qualidade das águas, antes abundantes (PEREIRA, 2003, p.143)

Em todos os depoimentos reconhece-se em maior ou menor medida a existência de degradação ambiental provocada pela ampliação da monocultura de batatas.

Mas, nossa! A gente plantava a batata as vezes chegando perto de onde a gente tomava água...mas meu pai sempre foi um defensor da natureza sabe? e aos poucos a gente foi dando uma maneirada...foi quando começando a verificar a crueldade destes inseticidas. O meio ambiente foi o mais prejudicado. Eu falo isso por experiência própria. Por exemplo o que se gastou de fertilizante no nosso tempo daria pra plantar batata por mais uns 20 anos. (E. C. filho de um grande produtor)

A batata parece um vício...sempre voltam a plantar, mas degradou muito...teve uma época que se usava um produto que continha mercúrio, na época era permitido (Jf. Filho de um grande produtor)

Então a batata foi um garimpo como o de ouro o de esmeralda, quase por aí...foi um garimpo e um dia o veio acabou. O garimpeiro mudou de endereço(...) Sem dúvida destruiu o meio ambiente...Então coisas

horríveis aconteceram. Acidentes! Um que eu vi foi quando morreram todos os peixes da represa e eu fui correndo na cidade avisar a copasa (Seu J. nascido em Maria da Fé, retornou a cidade e presenciou a fase final de retração da bataticultura, atualmente é produtor orgânico)

A cultura de batata é como um garimpo, ali a pessoa tira muito, mas também destrói muito. A batata deixou um império muito grande aqui em Maria da Fé, mas o meio ambiente sofreu e sofre as consequências. Os nossos rios aqui ainda contém um lodo com muitos agrotóxicos. (Seu J. I. produtor convencional que atualmente dedica-se à agricultura orgânica)

Quando foi ampliando a produção, quando houve o auge em meados da década de 80, principalmente com a batata semente, se desmatau muito, até áreas de topo. Nessa época não se respeitou nascentes. (L. C. comerciante envolvido até a atualidade com a bataticultura)

Nos veios lá em cima, chegava o mais próximo possível das nascentes. Sempre o que eu vi foi isso, que eu acompanhei esse tempo, hoje mudou muito, pra mim mais ainda (A.M.S produtor convencional que atualmente se dedica à agricultura orgânica)

O meio ambiente foi destruído foi arrasado.(J.B.C. produtor convencional de batatas que atualmente desenvolve a Agricultura Orgânica)

Apenas em dois dos 14 depoimentos as narrativas sobre os danos ambientais são amenizadas pela capacidade atual de recuperação do mesmo e pela observação de que em alguns bairros rurais houve menos agressão.

Eu não acredito que a degradação tenha sido tão grande assim. O problema de Maria da Fé é o seguinte...já teve até uma pesquisa da Embrapa de Brasília aqui, que esteve pesquisando a topografia nossa porque se falava que a batata ia causar erosão, ia causar impacto ambiental muito grande, mas o terreno de Maria da Fé é argiloso então não há muito escoamento de terra, cê pode ver muita lavoura de batata por aqui hoje e até apareceu na revista veja...quando choveu, alagou a terra, mas hoje se você for lá é pasto de braquiara, num tem tanta erosão...então eu acho que o impacto houve, mas não tão grande como se fala. (H. produtor de batata semente e batata consumo até 1997 atualmente desenvolve o turismo rural, reflorestamento e tem um cargo na Cobata⁵)

Degradação de solo penso não ter sido grave, mas a de água houve, não tem como negar. Mas a reconstrução da mata nativa é rápida aqui.(B. agrônomo e membro da Cobata)

Na maior parte das entrevistas revelou-se que as técnicas empregadas na bataticultura eram extremamente incentivadas pelos órgãos técnicos governamentais, principalmente depois de 1972 quando a produção de sementes ou mudas de batata foi regulamentada e Maria da Fé expandiu consideravelmente as áreas de plantio. Em muitos depoimentos fala-se em desconhecimento por parte dos produtores sobre o alcance e gravidade dos danos ambientais que poderiam ser causados

Eu trabalhei na plantação e a gente via caminhões e caminhões de agrotóxico chegando. Vinha uma mercedes cheia de gente junto com os produtos químicos e a gente achava aquilo bacana, era bonito! A gente estava muito enganado (Irmã do seu J. I. de parceira na produção convencional passou a parceira na produção orgânica)

Não tem nada a ver com o meio ambiente a diminuição da produção aqui em Maria da Fé. É que a produtividade foi ficando alta. Tecnologia né! Plantavam variedades novas...são variedades novas,

⁵ Cooperativa dos produtores de batata semente da região de Maria da Fé, fundada em 1980.

tecnologia nova, então a produtividade, não tem nada que atrapalhe. (M. K. produtor de bata semente e comerciante de batata)

Fui produtor convencional dos 12 aos 30 anos e faz 5 anos que eu sou produtor orgânico. Hoje eu respeito o meio ambiente, no convencional não respeitava. E via também que meus companheiros não respeitavam... Na área em que eu mexia o pessoal não tinha consciência, alguns poderiam até ter uma noção, mas naquela ganância de querer ganhar dinheiro não estava respeitando e outros não tinha conhecimento sobre o porque preservar, o pra quê, hoje todo mundo sabe. (A.M.S produtor convencional que atualmente se dedica à agricultura orgânica)

O meio ambiente foi arrasado não é por nós não, porque foi exigência as vezes dos técnicos, você tinha que fazer uma...nós fizemos muita batata semente aqui em torno de 30 anos, então o ministério mesmo exigia certas coisas. Você tinha que colocar muito veneno pra não ter problema na semente, problema de doença, de virus, tinha que dessecar a rama pra ela não descer pra semente. (...) Então a gente em função de ganhar dinheiro, você tinha que fazer o que eles mandavam. Os técnicos, os inspetores vinham fiscalizar pra ver se a gente estava dentro daquelas normas.(...) Vejo também que naquela época na Escola não se educava ninhuem pra isso...No começo da batata, era plantado sem adubo, as primeiras caixas importadas foi sem agrotóxico, sem nada, depois é que foi surgindo os adubos e os agrotóxicos e como se diz, depois da segunda guerra que entrou tudo isso porque se precisava explodir a produção. Então se jogou na cabeça da gente que tinha que fazer isso, até na cabeça dos caras da agronomia.(J.B.C. produtor convencional de batatas que atualmente desenvolve a Agricultura Orgânica)

Quer dizer trabalhei um pouco com batata, ganhei algum dinheiro de batata, produzi com ela, renda até 95 quando plantei a última. E plantei também outras coisas como tomate, cebola, tudo no convencional: Grande Besteira! Hoje se diz isso e aquilo, mas era desinfomação, a gente não conhecia. Todos os produtores de agrotóxicos, de insumos em geral sempre deram palestras, vinham muito aqui. Eles diziam saiu um outro produto, você usa assim e tal e tal e no final uma cerveja, um churrasco e sempre se comprava (Seu J. nascido em Maria da Fé, retornou a cidade e presenciou a fase final de retração da bataticultura, atualmente é produtor orgânico)

Deve ter muito solo contaminado ainda e por consequência muitos cursos d'água, muitas nascentes. Porque eu vim a saber de proteção de nascentes e proteção de cursos d'água há quatro anos. Misturas por exemplos, se ia pulverizando a batata então colocava-se 5 ou 6 tipos entre inseticidas, herbicidas, caricidas, fungicidas. Então fazia assim uma sopa, vamos dizer assim. Então... depois, mais tarde, é que a gente veio a saber através de palestras e de dias de campo que não era bom...a gente foi começar a ter consciência.(E. C. filho de um grande produtor)

Na pouca experiência que eu tiva a gente era induzido a fazer. Nós já conhecíamos alguma coisa do meio ambiente, mas não havia fiscalização. Hoje em dia se voce faz queimada, degrada o meio ambiente é muito provável que voce vai sofrer penalidades, só que na época isso não havia, inclusive restos de agrotóxicos eram jogados por aí, hoje já existe legislação(A. produtor Orgânico)

Olha no tempo que eu era criança (...) nessa época meu pai palntava batata e examente nesta época é que foi introduzida, veio os defensivos, e começou a se produzir com os produtos químicos. Então meu pai chegava com o cargueiro e as donas de casa falavam que se tivesse adubo elas não compravam porque dava gosto ruim. Depois isso aí eu não vi mais, ninguem reclamava mais...acho que a ganância ou a propria vida fez o homem se transformar. Ele precisa de um pouco de dinheriro , ele vê os outros ganhando e ele queria pelo menos empatar com esse. Então começou aquela loucura e evoluiu dessa maneira. E eu utilizava todos os produtos químicos que os outros usavam, porque era o jeito da época. (Seu J. I. produtor convencional que atualmente dedica-se à agricultura orgância)

Entretanto no que se refere as causas da decadência da bataticultura a associação com a questão ambiental não é direta e clara, mas aparece como item que deveria ter sido observado para que a queda não fosse tão abrupta.

Nos depoimentos de 6 entrevistados ligados à produção convencional de batatas (1 agrônomo, 3 produtores de batata para consumo e batata semente, 2 filhos de grandes produtores) essa ligação praticamente não aparece, já nos depoimentos de outros 6 entrevistados que deixaram a agricultura convencional para aderir a Agricultura Orgânica (membros da APANFÉ) e de dois comerciantes de batata convencional essa relação é mais evidente. Nesses últimos depoimentos percebe-se que há a idéia de que por insistir em ampliar a monocultura de batatas em uma região não muito propícia à mesma, era evidente que tal monocultura tivesse um limite. E esse limite é ambiental.

Teve muito desmatamento porque a terra aqui para ter volume de produção que estava pedindo naquela época tinha que desmatar pra ter liberdade de plantio. (Seu J. I. produtor convencional que atualmente dedica-se à agricultura orgânica)

No cultivo de batata convencional, eu não tive muita experiência, mas eu vi...não se respeitava o relevo, se plantava em qualquer declividade, enterrava-se as minas de água, não tinha mata ciliar. (A. produtor Orgânico)

Foi desaparecendo porque aqui não é região adequada aí foi atingindo áreas de topo. (J. V. comerciante da batata convencional)

Para os ainda envolvidos com a agricultura convencional a decadência liga-se somente ao desenvolvimento de sementes de batatas que se adaptaram à climas mais quentes podendo essa monocultura encontrar terrenos menos acidentados. Nesses mesmos depoimentos também se faz referência ao fato de que à partir de 1972 com a regulamentação da possibilidade de produção de sementes (mudas) em território nacional, os agricultores de Maria da Fé se voltaram para tal atividade e deram assim subsídios para que outras regiões (Bahia, Goiás) produzissem a batata-consumo, forjando assim seu próprio concorrente.

Uma das coisas que prejudicou também muito a região nossa foi a embrapa , que andou mexendo na semente, o mercado forte nosso era o mercado de produção de sementes, hoje qualquer lugar produz semente. (Adi produtor convencional)

A embrapa fez o papel dela, desenvolveu a semente e se pruz no Brasil inteiro. Então hoje não se vende mais porque se produz em todos os lugares a semente (...) Antes não era assim. A cooperativa aqui chegou a vender 350 mil caixas de batata semente. Esse ano passado não vendeu nenhuma (H. produtor de batata semente e batata consumo até 1997 atualmente desenvolve o turismo rural, reflorestamento e tem um cargo na Cobata)

Teve um auge de produção de sementes aqui em Maria da fé , tinha muita procura, era vendida para o Brasil todo. A diminuição da Produção não tem ligação direta com a degradação do meio ambiente. Eu acho que é mais é por causa do aumento das áreas plantadas no Brasil todo, e então a cultura para a região aqui ela torna menos lucrativa porque não conseguiu mais ter preço bom...Maria da Fé produzia 60% da batata semente do Brasil. (B. agrônomo e membro da Cobata)

4.2 Saídas para a retomada da estabilidade econômica nos dois municípios ligam-se à preocupações com o meio ambiente

Quanto às saídas que apontam para a retomadas desses tempos de glória econômica nos dois municípios em em todos os depoimentos aparece a necessidade de respeitar leis ambientais, reconstituir o meio ambiente degradado e praticar atividades alternativas não degradadoras como o turismo rural e a agricultura orgânica. Embora essa defesa do meio ambiente apareça em todos os depoimentos como fundamento das saídas apontadas para os municípios, muitos dos produtores agrícolas observam que têm dificuldades para se habilitar para a realização de tais atividades, principalmente a do turismo rural ou ecológico.

4.2.1 Delfim Moreira

As potencialidades da região giram em torno do turismo rural e do ecoturismo. Tais potencialidades aparecem sempre associado ao ambiente característico da serra da Mantiqueira e a uma cultura que se relaciona com esse meio de forma particular.

Delfim Moreira tinha um aroma, um clima que não dá pra descrever,(...) Mas para dar certo o turismo tem que educar (...) eu mesmo tenho ainda alguns pés de marmelo(...) (Seu Joaquim, produtor de marmelo e um dos donos da fábrica Fruticultores, onde atualmente funciona a Fundação Rogê)

Delfim Moreira tem uma comunidade de gente de muito valor, todas as casas tem ... as pessoas falam horas seguidas tricotando, a culinária de Delfim Moreira é imperdível, palavra celebre essa né, muita qualidade a culinária, os operários, marceneiros, torneiros, gente que trabalha muito bem, então a gente sabe muito bem o lugar onde estamos. Temos inúmeras cachoeiras e o único mosteiro rural do Brasil.(...) Só posso dizer que o turismo está no caminho, está ocupando espaço dentro do lugar e ao pouco assimilando, vai dando pra seguir. (Eduardo, empresário do turismo, cuja esposa é da região)

A volta da fruticultura só foi apontada como saída em um dos depoimentos. Talvez pelo recentimento de tamanha desarticulação econômica

Mas aqui também tem um lado, a experiência do município é(...) muito amarga. Nós tivemos quando... agente tava no auge do marmelo, veio pra cá um pessoal que ia fazer um estamparia, estamparia trabalha com latas, não sei se é zinco, aquela lata pra colocar a massa, bom, eles vieram aqui, o pessoal se juntou com eles, fizeram podas para montar a estamparia, começaram a montar a estamparia o pessoal pegou o dinheiro, o pessoal de fora, e foram embora, não é? A própria história dessa fábrica também que era uma sociedade de fruticultores também... dá pra você perceber esse tipo de coisa, tem sempre um ou dois querendo se sair melhor do que os outros né, onde a coisa não vai bem(...)(Ricardo, envolvido com a produção de marmelo desde a infância, foi bancário e atualmente é professor de história)

4.2.2 Maria da Fé

Todas as saídas apontadas como possibilidades de retomada de uma situação econômica estável e favorável se pautam na ideia dos limites reais do ambiente, da proteção ao que restou ou da recuperação do que foi degradado.

- Limites reais do meio ambiente: nos depoimentos dos ainda envolvidos com a bataticultura tradicional há idéia de que qualquer atividade na atualidade não degrada como no passado se degradou, pois existem leis ambientais que garantem isso. Sendo assim, qualquer atividade que se desenvolver na região, inclusive a continuidade da monocultura da batata não oferece riscos ao meio ambiente.

Então quando a gente houve que antigamente se derrubava a mata, queimava e plantava nas cinzas, hoje se fizermos isso somos apreendidos porque tem análise de ph, a gente faz uma correção de solo...a fiscalização pra gente da orgância é rigorosa, mas mudou também pro pessoal da convencional (Seu J. nascido em Maria da Fé, retornou a cidade e presenciou a fase final de retração da bataticultura, atualmente é produtor orgânico)

Então hoje mudou sim, com as leis ambientais, as multas são pesadas, tem que fazer. Todo mundo faz. O que antigamente não se fazia... hoje, hoje você tem que registrar todos os camaradas, tem as leis trabalhistas e ambientais. (M. K. produtor de bata semente e comerciante de batata)

O pessoal do corpo técnico destas multinacionais que pro força das leis ambientais, não pro vontade própria, chegaram mais perto do homem do campo e foram mostrando que era preciso conhecer e preservar o ambiente. (E. C. filho de um grande produtor)

Existe a lei de plantio acima de 45 graus de declividade e existe uma fiscalização...Eu acho que existe hoje menos dano porque inclusive nos laboratórios se desenvolveu outras variedades de remédio que não são tão prejudiciais, os remédios de hoje não são tão tóxicos e ainda são mais eficazes, mas existe aí uma controvérsia prque será que a eficácia dele não está relacionada com a eficácia? (H. produtor de batata semente e batata consumo até 1997 atualmente desenvolve o turismo rural, reflorestamento e tem um cargo na Cobata)

Tá todo mundo perdido dizendo: O que que eu vou fazer? Vou invernar gado? vamos tirar leite?...mas não tem como não preservar. (E. C. filho de um grande produtor)

Eu estou partindo para o reflorestamento porque saiu um contrato com a Votorantim e vamos por o eucalipto...Acho que esse impacto que o pessoal fala, que diz que eucalipto bebe água, que isso que aquilo, eu acho que não tem nada a ver. O meu pai plantou eucalípito nas nossas várzeas com objetivo de enxugar e não enxugou. (H. produtor de batata semente e batata consumo até 1997 atualmente desenvolve o turismo rural, reflorestamento e tem um cargo na Cobata)

- Recuperação do que foi degradado: todos os depoimentos apontam o turismo como uma possibilidade de retomada da estabilidade econômica, mas vêm como necessário um esforço no sentido de recuperar o que foi degradado.

Tem que refazer o que foi destruído porque eu voltei pra cá e não encontrei o ar de serra que existia quando era criança tem muito morro aí que era mata e hoje é pasto de braquiara (J. V. comerciante da batata convencional)

Porque o turismo se o poder público não vestir a camisa do turismo em prol do município, sozinho não vai dar, mas tem que ter investimento de todos. (E. C. filho de um grande produtor)

- Proteção ao que restou e recuperação do que foi degradado: a agricultura Orgânica é apontada pelos seis entrevistados envolvidos com a mesma como uma saída real de retomada da estabilidade que possui ainda a vantagem de potencializar o turismo rural pela imagem que agrega à essa atividade.

A agricultura orgânica é uma grande oportunidade porque a gente está plantando a saúde nossa e de nossos filhos e está havendo uma nova maneira de viver. Então a Maria da Fé que quer ser uma cidade turística tem que ser trabalhado o orgânico. A APANFé tem que estar buscando essa imagem pra Maria da Fé (Irmã do seu J. I. de parceira na produção convencional passou a parceira na produção orgânica)

Eu estou muito satisfeito!...preservando água, recuperando nascentes que antigamente ninguém pensava nisso, era só destruir mata e limpar. A agricultura orgânica tem várias vantagens porque cê tem um alimento hoje saldável em casa colocando hoje também no mercado um alimento saldável, porque eu não tive esse alimento...isso é bom para todos. (A.M.S produtor convencional que atualmente se dedica à agricultura orgânica)

Foi depois da crise financeira da batata que coheci a orgânica...aí eu perguntei qual era o custo aí me falaram que era custo zero. Mas é uma saída pra gente, mas muitos ainda não vêem isso. Quando nós começamos na agricultura orgânica nós seríamos chamados de loucos, porque todo mundo achava que não produzia. Hoje eu rodo aí e nós somos chamados de mentirosos porque(...) A gente fala essa batata foi produzida sem veneno, sem adubo, sem nadas, só com a natureza mesmo, aí eles falam: Isso é mentira. Eles não acreditam, mas hoje nós estamos produzindo com aparência boa e com qualidade porque não tem veneno, e, ainda com a mesma quantidade. (J.B.C. produtor convencional de batatas que atualmente desenvolve a Agricultura Orgânica)

5-Considerações finais

Das diálogo das representações sociais abordadas aqui com o campo de forças que desenha a sociedade atual a partir das questões ambientais considera-se que há um consenso entre produtores rurais de que as saídas para o retomada de uma situação mais favorável passa pelo respeito, defesa ou reconstrução do meio ambiente. Esse consenso pode se refletir sobre o campo de forças explicitado imprimindo-lhe uma real valorização da ruralidade e um real re-desenho da dimensão agrícola em torno não somente da agricultura alternativa, mas do respeito a um planejamento e gestão ambiental amplos. Não cabe as ciências sociais favorecer ou permitir que este caminho floresça, mas as ciências sociais aplicadas pode tomar essas considerações como um guia para sua atuação.

Referências Bibliográficas

- BENJAMIN, Walter (1994) *magia e técnica, Arte e política: ensaios sobre a literatura e a história da cultura*. 7ª ed. São Paulo, Cia das Letras
- BERGER, Peter e LUCKMAN, Thomas (1973) *A construção Social da Realidade: Tratado de Sociologia do Conhecimento*. Petrópolis/RJ, Vozes.
- BOURDIEU, Pierre. (1998) *O Poder Simbólico*, tradução de Fernando Tomaz. 2ª ed., Rio de Janeiro, Bertrand Brasil.
- BRANDENBURG, Alfio (1999) *Agricultura Familiar: ONGs e desenvolvimento sustentável*. Curitiba/PR, editora da UFPR
- CANDIDO, Antônio (1987) *Os parceiros do Rio Bonito*. 7ª ed. São Paulo, Livraria Duas Cidades.
- DIEGUES, Antônio Carlos. (1998) *O Mito Moderno da Natureza Intocada*, 2ª edição, São Paulo, Hucitec.
- _____. (1995) *Povos e Mares: por uma sócio-antropologia marítima*. São Paulo: hucitec.
- FERRY, Luc (1994) *A Nova Ordem Ecológica – A Árvore, O Animal, O Homem*. Tradução de Álvaro Cabral, São Paulo: Ensaio.
- FERREIRA, Leila da Costa. (1997) “Sustentabilidade e democracia no poder local”. In: *Ambiente & Sociedade*. Campinas/SP. FE-Procam-USP, Nepam-Unicamp, UFSC. Ano I, número 1, 1997.

- GIDDENS, Antony (1991) *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: Edunesp.
- GUIMARÃES, Amerlim. *História de Itajubá*. Belo Horizonte, Imprensa oficial de Minas Gerais, 1997, 613p.
- GUIMARÃES, Roberto P. (1998) “Modernidad, medio ambiente y etica: un nuevo paradigma de desarrollo”. In: *Ambiente & Sociedade*. Campinas/SP. FE-Procam-USP, Nepam-Unicamp, UFSC. Ano I, número 2.
- GUIVANT, Julia. A teoria da sociedade de isco de Ulrich Beck: entre o diagnóstico e a profecia. *Estudos Sociedade e Agricultura*. Número 16, abril de 2001
- KURZ, Robert (2000) “A Capitulação final dos Ambientalistas”. *Folha de São Paulo: caderno Mais*. Sessão autores, domingo 3 de dezembro.
- FARIA, Izabel Mendonça (2002). *Vozes e Imagens do Rio São Francisco: um estudo sobre populações tradicionais e problemas ambientais*. São Carlos, UFSCar, dissertação de mestrado.
- FOLADORI, Guillermo. (2000) “Ecologia, capital e cultura: racionalidade ambiental, democracia participativa e desenvolvimento sustentável”. In: *Ambiente & Sociedade*. Campinas/SP. FE-Procam-USP, Nepam-Unicamp, UFSC. Ano III, números 6 e 7.
- FURTADO, Celso. (1998) *O mito do desenvolvimento Econômico*. 2ª ed. São Paulo: Paz e Terra.
- LEIS, Héctor R. por LENZI, Cristiano. (1999) “O Labirinto”. In: *Ambiente & Sociedade*. Campinas/SP. FE-Procam-USP, Nepam-Unicamp, UFSC. Ano II, número 5.
- LEONEL, Mauro (1998). *A Morte Social dos Rios*. São Paulo, Perspectiva/IAMÁ/FAPESP
- SANTOS, Milton. (1999) *A Natureza do Espaço: técnica e tempo e razão e emoção*. São Paulo/SP, Editora Hucitec, 3ª edição, 1999.
- _____. (1996) *O Espaço do Cidadão*. 3ª ed. São Paulo, Nobel, 1996.
- MARCUSE, Hebert (1967) *Ideologia da sociedade industrial*. Tradução de Giasone Rebuá. Rio de Janeiro, Zahar editores.
- MARX, Karl (1969) “Intruduction a la Critique de l’Economie politique”(1857) *contribution a la critique de l’Economie Politique*. Paris, Editions Sociaiales.
- MOREIRA, Roberto José. (2000) “Críticas ambientalistas à Revolução Verde”. In: *Estudos Sociedade e Agricultura*. Rio de Janeiro/RJ, UFRRJ, número 15.
- MINAYO, Maria C. de Souza. (1994) O conceito de representações sociais dentro da sociologia clássica. *Textos em Representações sociais*. Petrópolis/RJ, Vozes.
- MORIN, Edgar (1996) *O problema Epistemológico da Complexidade*. 2ª ed. Portugal, Publicações Europa- América
- NASCIMENTO, Guido Gilberto do. *Delfim Moreira: Achegas à sua formação histórica*. Lorena-SP, s/editora, 2002.
- PEREIRA, Magali Rodrigues Batista. (2003) *Preservação do Meio Ambiente: a bacia hidrográfica do Rio Sapucaí*. Lorena/SP, Centro Universitário Salesiano de São Paulo- UNISAL, dissertação de mestrado.
- THOMAS, Keith (1988) *O Homem e o Mundo Natural – Mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais entre 1500 e 1800*. Tradução João Roberto Martins Filho, 3ª reimpressão, São Paulo: Cia das Letras.
- VIEIRA, Paulo Freire e WEBER, Jacques (org.). (1996) *Gestão de recursos Naturais Renováveis e Desenvolvimento: novos desafios para a pesquisa ambiental*. São Paulo/SP, Cortez Editora.
- WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. (2000). A valorização da agricultura familiar e a reivindicação do rural no Brasil. *Desenvolvimnto e Meio Ambiente- a reconstrução da realidade e a relação sociedade/natureza*. Número 2, Curitiba-PR: editora da UFPR, jul/dez. 2000.